HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991). São Paulo, Companhia das Letras, 2003, 598 p.

Antonio Carlos de Souza
Doutorando em Educação - UNICAMP
e-mail: Anc_souza@uol.com.br

Para o historiador inglês Eric Hobsbawm, "O Breve Século XX", considerando os anos que vão "da eclosão da Primeira Guerra Mundial ao colapso da URSS" (p. 15) se subdivide em três partes:

A "Era da Catástrofe", que se inicia em 1914 com a Primeira Guerra Mundial, "que assinalou o colapso da civilização (ocidental) do século XIX" (p. 16), caracterizada por uma civilização capitalista, liberal, burguesa, cientificista, eurocêntrica e se fecha com o resultados da Segunda Guerra Mundial (1945).

A "Era de Ouro", que vai do imediato pós-Segunda Guerra (1947) até a crise mundial de meados dos anos setenta (1973), "anos de extraordinário crescimento econômico e transformação social, anos que provavelmente mudaram de maneira mais profunda a sociedade humana que qualquer outro período de brevidade comparável" (p. 15).

"O Desmoronamento", chamada também de "decomposição", "incerteza", "crise", que vai de meados da década de 1970 até o colapso da URSS (início de 1990), onde o mundo "entrou num futuro desconhecido e problemático, mas não necessariamente apocalíptico" (p. 16).

O objetivo do autor não é julgar (o que não é difícil para quem tenha vivido neste século), mas "compreender e explicar *por que* as coisas deram no que deram e como elas se relacionam entre si". (p. 13) Para que haja tal compreensão é preciso se colocar dentro da história do século.

Parte um: a Era da Catástrofe

A primeira fase do "Breve Século XX" se caracteriza pelas catástrofes, de "calamidade em calamidade", (p. 16) as duas grandes guerras, revoluções, crise e colapso da economia mundial e o quase desaparecimento das instituições da democracia liberal, com exceção de "apenas de uma borda da Europa e partes da América do Norte e da Austrália. Enquanto isso, avançavam o fascismo e seu corolário de movimentos e regimes autoritários". (p. 17)

Não há como compreender o Breve Século XX sem compreender as duas Grandes Guerras. No dizer de J. David Singer: "1914 inaugura a era do massacre". E o que confere caráter catastrófico às guerras e as diferenciam das guerras do passado é a questão industrial-tecnológica, que possibilitou a "guerra em massa" onde há o envolvimento de todos os cidadãos e a mobilização da maioria: numa sociedade em que a maior parte do produto social ainda é realizada na agricultura, a economia não permite a mobilização de milhões de homens por vários anos para batalhas encarniçadas; somente o nível de industrialização atingido pela Europa, EUA e Japão no início do século permitiu que surgissem simultaneamente uma alta produtividade do trabalho, um exército de reserva de mão de obra e a generalização de uma atividade liberta da sazonalidade natural inerente à atividade agrícola. Apesar disso, a mobilização em massa de homens para a guerra impôs enormes tensões à força de trabalho, fortaleceu os partidos social-democratas e os sindicatos e suscitou a entrada das mulheres no mercado de trabalho de forma efêmera na primeira guerra e permanentemente na segunda guerra. (cf. p. 51)

E, se as duas Grandes Guerras, por um lado, enfraqueceram a quase totalidade das nações, "por outro lado, as guerras foram

visivelmente boas para a economia do EUA... É provável que o efeito econômico mais duradouro das duas grandes guerras tenha sido dar à economia do EUA uma preponderância global sobre todo o Breve Século XX". (p. 55) Sobre o impacto humano na era das guerras e seu custo, fundamental para a compreensão da brutalidade e desumanidade do século XX, Hobsbawm analisa a questão da "tortura", a "democratização da guerra", a "impessoalidade da guerra". Em resumo, "a catástrofe humana desencadeada pela Segunda Guerra Mundial é quase certamente a maior da história humana. O aspecto não menos importante dessa catástrofe é que a humanidade aprendeu a viver num mundo em que a matança, a tortura e o exílio em massa se tornaram experiências do di-a-dia que não mais notamos". (p. 58)

O "Breve Século XX" também nasceu com uma nova força: a revolução mundial. "A revolução foi a filha da guerra no século XX: especialmente a Revolução Russa de 1917, que criou a União Soviética, transformada em superpotência...". (p. 61) As condições históricas, a incapacidade da burguesia de fazer a revolução e "a reivindicação básica dos pobres da cidade era pão, e dos operários entre eles, melhores salários e menos horas de trabalho. A reivindicação básica de 80% dos russos que viviam na agricultura era, como sempre, terra" (p. 68) levou os bolcheviques mais que tomar, a "colher o poder". E "a Revolução do Outubro foi universalmente reconhecida como um acontecimento que abalou o mundo", (p. 72) inspirando revolucionários e uma onde de revoluções pelo mundo afora que, acompanhando o movimento da história tinha como razão fundamental de existir a inevitabilidade utopia da "emancipação universal, a construção de uma alternativa melhor para a sociedade capitalista" (p. 78) e proporcionar a possibilidade de uma "sociedade sem infelicidade, opressão, desigualdade e injustiça". (p. 78) Outros efeitos da Revolução Russa foram as "guerrilhas", "insurreições", a onda global de "descolonização" dos países dominados pelas nações imperialistas. "Em suma, a história do Breve Século XX não pode ser entendida sem a Revolução Russa e seus efeitos diretos e indiretos". (p. 89)

Analisa a questão do impacto do colapso econômico que abalou e desmoronou a economia mundial capitalista entre as duas Grandes Guerras e que, segundo Hobsbawm, "a Grande Depressão destruiu o liberalismo econômico por meio século... e obrigou os governos ocidentais a dar às considerações sociais prioridade sobre as econômicas em suas políticas de Estado". (p. 99) Um dos maiores traumas da Grande depressão foi que "um país que rompera clamorosamente com o capitalismo pareceu imune a ela: a União Soviética". (p. 100) O regime soviético surgiu como alternativa de economia racional e planejada numa época em que as democracias liberais e a política do *laissez-faire* fracassavam visivelmente. A partir dos anos trinta, as democracias ocidentais adotaram políticas intervencionistas de matriz keynesiana para recuperar a acumulação e o nível de emprego. Porém, o maior efeito da Grande Depressão não foi o fortalecimento do movimento revolucionário mundial, mas "o fortalecimento da direita radical", (p. 108) inspirado pelo movimento fascista, "que compartilhava nacionalismo, anticomunismo, antiliberalismo etc. com outros elementos não fascistas da direita". (p. 121) Enfim, "a ameaça à sociedade liberal e todos os seus valores parecia vir exclusivamente da direita; a ameaça á ordem social, da esquerda". (p. 126) Assim como a Revolução Russa teve repercussão nos diversos cantos do mundo, também o movimento fascista ecoou pelo mundo afora, inclusive no Brasil.

Na visão de Hobsbawm, o fascismo só não triunfou e "a democracia só se salvou porque houve uma aliança temporária e bizarra entre capitalismo liberal e comunismo: basicamente a vitória sobre a Alemanha de Hitler foi, como só poderia ter sido, uma vitória do Exército Vermelho". É a ironia da história: se por uma lado a Revolução de Outubro e a URSS só se deram pela fraqueza do capitalismo, pela desestruturação da sociedade burguesa, por outro lado "o resultado mais duradouro da Revolução de Outubro, cujo objetivo era a derrubada global do capitalismo, foi salvar seu antagonista, tanto na guerra quanto na paz".

(p. 17) Se "foi a crise do liberalismo que fortaleceu os argumentos e as forças do fascismo e dos governos autoritários" (p. 148), foi a imprescindível participação da URSS "a salvadora do capitalismo liberal, tanto possibilitando ao Ocidente ganhar a Segunda Guerra Mundial contra Alemanha de Hitler quanto fornecendo o incentivo para o capitalismo se reformar, e também paradoxalmente, graças à aparente imunidade da União Soviética à Grande Depressão, o incentivo a abandonar a crença na ortodoxia do livre mercado". (p. 89) Com o enfraquecimento e quase extinção do fascismo, entrou em colapso também "a grande aliança antifascista. Assim que não mais houvera um fascismo para uni-los contra si, capitalismo e comunismo mais uma vez se prepararam para enfrentar um ao outro como inimigos mortais". (p. 177) A Grande Guerra produziu o efeito global de "descolonização" e, com isso aconteceu, aquilo que parecia "indestrutível" no início do século, "a era imperial acabar". (p. 219) Será? Houve a polarização das duas superpotências: Os EUA e a URSS.

Parte dois: A Era de Ouro

A "Era de Ouro" se caracteriza, por um lado, pela "profunda e irreversível" transformação econômica, social e cultural promovida pelo capitalismo e, por outro lado, pela grande aceleração da modernização de países agrícolas atrasados, inspirados pela Revolução Russa de 1917. Neste período dá-se uma infinidade de "estratégias rivais", de confronto entre "capitalismo" e "socialismo", protagonizados pelos EUA e URSS e suas conseqüências concretas: as revoluções sociais, a Guerra Fria, a questão do "socialismo real", a realidade do Terceiro Mundo.

A Guerra Fria. "A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder *desigual* mas não contestado em sua essência". (p. 224) Na realidade era mais uma "Paz Fria", esquentada pela idéia de aquisição e manutenção da supremacia concreta, daí que "os dois lados viram-se assim comprometidos com uma insana corrida armamentista para a mútua destruição, e com o tipo de generais e intelectuais nucleares cuja profissão exigia que não percebessem essa insanidade" (p. 233) e "a Guerra Fria só acabou quando uma ou ambas superpotências reconheceram o sinistro absurdo da corrida nuclear, e quando um acreditou na sinceridade do desejo da outra de acabar com a ameaça nuclear", (p. 246) que na prática só aconteceu "nas duas conferências de cúpula de ReykjaviK (1986) e Washington (1987)". (p. 246) Por outro lado, a Guerra Fria não diminui, mas aumentou os conflitos pelo mundo afora, devido ao clima de "competição" entre as superpotências para fazer amigos e influenciar pessoas distribuindo armas por todo o globo, isto é "encheu o mundo de armas num grau que desafia a crença". (p. 250) Na realidade, houve um aumento generalizado de conflitos e, "desta forma a Guerra Fria se perpetuou". (p. 251)

Os Anos Dourados e a Revolução Social. "Hoje é evidente que a Era de Ouro pertenceu essencialmente aos países capitalistas desenvolvidos... pois a riqueza mundial jamais chegou à vista da maioria da população do mundo". (p. 255) As desigualdades sociais aumentaram na "crescente divergência entre o mundo rico e o mundo pobre que se tornou cada vez mais evidente a partir da década de 60". (p. 256) O progresso aconteceu às custas da "deteriorização ecológica", da "padronização do desejo de consumo" e da "tecnologização da vida cotidiana" e no "desemprego em massa", pois "os seres humanos só eram essenciais para tal economia num aspecto: como compradores de bens e serviços". (p. 262) O que proporcionou tudo isso foi a "substancial reestruturação e reforma do capitalismo e um avanço bastante espetacular na globalização e internacionalização da economia... A Era de Ouro democratizou o mercado". (p. 264) O *boom* da industrialização levou "à morte do campesinato", conforme a previsão de Marx (cf. p. 285) e "quando o campo se esvazia, as cidades se enchem" (p. 288) e "quase tão dramático quanto o declínio e queda do campesinato, e muito mais universal,

foi o crescimento de ocupações que exigiam educação secundária e superior", (p. 289) que propiciou a organização e mobilização dos movimentos estudantis de reivindicações. O processo de produção, baseado no fordismo, levou a uma crise de consciência e desestruturação da classe operária. (cf. pp. 296-304) Um outro fator essencial neste período foi desempenhado pelas mulheres, especialmente na sua crescente entrada na educação superior e no mercado de trabalho. (cf. pp. 304-313)

Revolução cultural. "A melhor abordagem dessa revolução cultural é portanto através da família e da casa, isto é, através da estrutura de relações entre os sexos e gerações". (p. 314) Isso se concretiza na questão do divórcio, dos nascimentos ilegítimos e o aumento de famílias com um só dos pais, criando, assim uma "nova cultura juvenil", (p. 319) muito mais subjetivista, individualista, consumista. Para Hobsbawm, "a revolução cultural de fins do século XX pode assim ser mais bem entendida como o triunfo do indivíduo sobra a sociedade, ou melhor, o rompimento dos fios que antes ligavam os seres humanos em texturas sociais". (p. 328) Assim, as famílias tradicionais e as igrejas mais organizadas tradicionalmente foram as instituições mais solapadas moralmente pelo novo individualismo moral. (cf. p. 330) Por outro lado, começou a rarear o ar na atmosfera capitalista, pois "maximização e acumulação de lucros eram condições necessárias para o sucesso do capitalismo, mas não suficientes". (p. 336)

"Socialismo Real". "Os fundadores do marxismo supunham que a função da Revolução Russa só podia ser a de provocar a explosão revolucionária nos países industrializados mais avançados, onde estavam presentes as condições para a construção do socialismo. (p. 366) Mas isso não ocorreu. A guerra civil matou a maior parte dos operários industriais russos e desindustrializou o país. (cf. pp. 369-370) Na questão política se destaca a desfiguração da base social do partido bolchevique e o retrocesso político operado pelo estilo "autocrata de ferocidade, crueldade e falta de escrúpulos excepcionais" (p. 371) de Stálin. Isto, combinado à estrutura de partido de vanguarda de quadros disciplinados, facilitou a uma "enorme e exagerada burocratização que um governo de comando centralizado engendrou, e que nem Stalin pôde enfrentar". (p. 374) Uma outra "desvantagem do sistema, e aquela que acabou por afunda-lo era sua inflexibilidade". (p. 375) Enquanto Lênin é descrito com adjetivos elogiosos ou de forma positiva, (pp. 378-380) "Stálin dirigiu seu partido, como tudo mais ao alcance de seu poder pessoal, pelo terror e o medo". (p. 380) Hobsbawm considera que a manutenção do sistema soviético, de uma forma ou de outra, tenha precisado de uma ação dura, tanto que "o desmoronamento político do bloco soviético começou com a morte de Stalin, em 1953, mas sobretudo com os ataques oficiais a era stalinista em geral e, mais cautelosamente, ao próprio Stalin, no XX Congresso do PCUS, em 1956". (p. 386-387)

Parte três: o Desmoronamento

"A história dos vinte anos após 1973 é a de um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade e a crise". (p. 393) A terceira fase se caracteriza pelo "Desmoronamento", uma "crise *universal* e global", que tem com causa fundamental a "transnacionalidade" da economia mundial, criada na "Era de Ouro", idéia esta que suplantava e solapava os regimes e sistemas de Estado. (cf. pp. 413ss) A conseqüência da crise foi geral: "desemprego em massa, depressões cíclicas diversas, contraposição cada vez mais espetacular de mendigos sem teto e luxo abundante, em meio a rendas limitadas de Estado e despesas ilimitadas de Estado". (p. 19) Daí o aumento da pobreza e da miséria como "parte do impressionante aumento da desigualdade social e econômica na nova era". (p. 396) E Hobsbawm cita o Brasil como "candidato a campeão mundial de desigualdade econômica". (p. 397) Neste contexto os países capitalistas buscaram soluções radicais, muitas vezes ouvindo teólogos seculares do livre mercado irrestrito, que rejeitavam as políticas que tão bem haviam servido à economia mundial durante a Era de Ouro e que agora pareciam estar falhando. É a discussão entre keynesianos e liberais (cf. p. 398ss) enquanto que "os países socialistas, agora

com suas economias desabando, vulneráveis, foram impelidos a realizar rupturas igualmente, ou até mais, radicais com o seu passado e, como sabemos, rumaram para o colapso". (p. 19) Se por um lado, a desintegração econômica mundial ajudou a adiantar o processo de desintegração política na URSS e a fez desaparecer, por outro lado "os três regimes comunistas asiáticos sobreviventes (China, Coréia do Norte e Vietnã) assim como a distante e isolada Cuba, não forma imediatamente afetados". (p. 471)

A crise econômica provocou instabilidade e "minaram os sistemas políticos das democracias liberais", especialmente os países do Terceiro Mundo, (cf. pp. 411-413) "esfacelando os *Estados-nação* territoriais, soberanos e independentes, inclusive os mais antigos e estáveis, viram-se esfacelados pelas forças de uma economia supranacional ou transnacional e pelas forças infranacionais de regiões e grupos étnicos secessionistas, alguns dos quais, tal é a ironia da história, exigiram para si o status anacrônico e irreal de 'Estados-nação' em miniatura. (cf. pp. 20 e 413-414) "O futuro da política era obscuro, mas sua crise, no final do Breve Século XX, patente". (p. 20) "As décadas de crise foram a era em que os Estados Nacionais perderam seus poderes econômicos". (p. 398) Mas, "o principal efeito das Décadas de Crise foi assim ampliar o fosso entre países ricos e pobres", (p. 413) causado pela imposição de políticas protecionistas de organismos financeiros internacionais (FMI, Banco Mundial), "apoiados pela oligarquia dos grandes países capitalistas". (p. 420)

Alem da crise econômica e política era "a crise moral e social", da descrença em relação à conquista moderna "das teorias racionalistas e humanistas", abraçadas tanto pelo capitalismo quanto pelo comunismo. Segundo Hobsbawm, a crise moral e social "não era a crise de uma forma de organizar sociedades, mas de todas as formas". (p. 21) Desapareceu toda a possibilidade de um movimento internacional capaz de fazer uma revolução mundial, centrado no modelo jacobino de 1793 e no modelo Russo de 1917. Contudo "continuava existindo a instabilidade social e política que gerava revoluções". (p. 436) Daí a lista das revoluções, a maioria violenta e sangrenta, que aconteceram entre a década de 70 e 90, (cf. pp. 436-442) protagonizadas especialmente pela "revivescência das massas" pois "em fins do século XX as 'massas' retornaram à cena mais em papéis principais que coadjuvantes". (p. 443) Daí que, numa perspectiva realista, "o mundo do terceiro milênio portanto quase certamente continuará a ser de política violenta e mudanças políticas violentas. A única coisa incerta nelas é onde irão levar". (p. 446)

O "Breve Século XX" terminou com contradições e paradoxos sociais: o grande aumento da produção de bens e serviços e a prevalência da desigualdade entre os povos ou o "alargamento do abismo entre os países ricos e pobres do mundo"; (p. 549) o fosso entre alfabetizados e analfabetos (especialmente funcionais); por um lado, o avanço da revolução tecnológica, especialmente nos transportes e nas comunicações e, por outro lado, inquietações, incertezas, desconfiança no futuro, gerados pelos barbarismo, hostilidades diversas, guerras sem razão que tiveram como grande vítima as populações civis, "catástrofes humanas que produziu, desde as maiores fomes na história até o genocídio sistemático". (p. 22)

O mundo do final do Breve Século XX é muito diferente daquele do início, em pelo menos três aspectos: o mundo deixou de ser eurocêntrico e surgiu uma nova potência, hegemônica, os EUA; o globo tornou-se "uma unidade operacional básica" devido à transnacionalidade, um processo de globalização acelerado, uma "aldeia global"; e "a terceira transformação, em certos aspectos a mais perturbadora, é a desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano, e com ela, aliás, a quebra de elos entre as gerações, quer dizer, entre passado e presente". (p. 24) Daí a predominância, especialmente na sociedade capitalista, de um individualismo associal absoluto, da desintegração das religiões e sociedade tradicionais e "também pela destruição, ou autodestruição, das sociedades do 'socialismo real'". (p. 24) "Essa sociedade, formada por um conjunto de indivíduos egocentrados sem outra conexão entre si, em busca apenas da própria satisfação (o lucro, o

prazer ou seja lá o que for), estava sempre implícita na teoria capitalista". (p. 25) É só conferir o eloqüente tributo do Manifesto Comunista de 1848, de Marx e Engels, ao papel revolucionário do capitalismo. Na realidade, o capitalismo não "desintegrou" nada, mas simplesmente teve seu êxito "adaptando seletivamente a herança do passado par uso próprio". (p. 25)

Rumo ao Novo Milênio. "O século XX acabou em problemas para os quais ninguém tinha, nem dizia ter, soluções". (p. 537) Um dos problemas é a "democratização ou privatização dos meios de destruição, que transformou a perspectiva de violência e depredação em qualquer parte do globo" (p. 539) através dos fundamentalismos religiosos, políticos (xenofobia). Em relação às ideologia dominantes, o capitalismo e o socialismo, "o fracasso do modelo soviético confirmou aos defensores do capitalismo sua convicção de que nenhuma economia sem Bolsa de valores podia funcionar; o fracasso do modelo ultraliberal confirmou aos socialistas a crença mais justificada em que os assuntos humanos, incluindo a economia, eram demasiadamente importantes para ser deixados ao mercado". (pp. 542-543) E, "embora o capitalismo certamente não se achasse na melhor das formas no fim do Breve Século XX, o comunismo do tipo soviético estava inquestionavelmente morto, e era muito improvável que revivesse". (p. 553)

Então, quem poderia garantir um mínimo de bem-estar a todos e contrabalançar as tendências de desigualdade tão latentes no mundo? Para Hobsbawm, "de uma forma ou de outra, o destino da humanidade no novo milênio iria depender da restauração das autoridades públicas. Isso nos deixa com um duplo problema. Qual seriam a natureza e o âmbito das autoridades responsáveis pelas decisões – suprancacionais, nacionais, subnacionais e globais, sozinhas ou combinadas? Qual seria a relação delas com as pessoas sobre quem se tomam as decisões?" (p. 555) As respostas a tais problemas são contraditórias: primeiro porque as grandes decisões mundiais passam pelos organismos capitalistas do capitalismo internacional (FMI, Banco Mundial) e, segundo, devido à distância entre a "classe política" e "eleitores", promovendo uma indiferentismo político, pois, de um lado, "no fim do século, um grande número de cidadãos se retirava da política, deixando as questões de Estado à 'classe política'" e de outro lado, "a riqueza, a privatização da vida e da diversão do egoísmo do consumo tornavam a política menos importante e menos atraente" supondo assim "que a despolitização deixaria as autoridades mais livres para tomar decisões". (p. 558) Se há um certo pessimismo, por outro lado, o Breve Século XX proporcionou a possibilidade das "pessoas comuns entrarem na história como atores com seu direito coletivo próprio. Todo regime, com exceção da teocracia, agora deriva da autoridade delas, mesmo os que aterrorizam e matam seus cidadãos em grande escala". (p. 559) A capacidade de mobilização "da massa das pessoas comuns" e "os limites do simples poder coercitivo" são uma constante no Século XX. "Em suma, ao contrário das aparências, o século XX mostrou que pode governar contra todas as pessoas por algum tempo, contra algumas pessoas por todo o tempo, mas não contra todas as pessoas todo o tempo. Claro que isso não era consolo para minorias permanentemente oprimidas ou para povos que sofreram opressão praticamente universal por uma geração ou mais". (p. 560) É preciso criar meios de participação mais efetivos nos destinos da história.

Hobsbswm diz que "a história é o registro dos crimes e loucuras da humanidade... Profetizar não ajuda nada... Contudo, esperanças e temores não são previsões". (p. 561) E conclui dizendo: "Sabemos que, por trás da opaca nuvem de nossa ignorância e da incerteza de resultados detalhados, as forças históricas que moldaram o século continuam a operar. Vivemos num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, que dominou os dois ou três últimos séculos. Sabemos, ou pelo menos é razoável supor, que ele não pode prosseguir *ad infinitum.* O futuro não pode ser continuação do passado, e há sinais, tanto externamente quanto internamente, de que chegamos a um ponto de

crise histórica. As forças geradas pela economia tecnocientífica são agora suficientemente grandes para destruir o meio ambiente, ou seja, as fundações materiais da vida humana. As próprias estruturas das sociedades humanas, incluindo mesmo algumas das fundações sociais da economia capitalista, estão na iminência de ser destruídas pela erosão do que herdamos do passado humano. Nosso mundo corre o risco de explosão e implosão. Tem de mudar. Não sabemos para onde estamos indo. Só sabemos que a história nos trouxe até este ponte e por quê. Contudo, uma coisa é clara. Se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para uma mudança da sociedade, é a escuridão" (p. 562).